

Mário multifacetado: as cartas inéditas (1927-1934) enviadas para Jorge de Lima

Raphael Salomão Khéde* 

Introdução

Ao analisar parte da correspondência trocada entre Mário de Andrade (1893-1945) e Jorge de Lima (1893-1953), é necessário levar em consideração alguns aspectos gerais do gênero epistolar. Antes de tudo, a instabilidade da forma das cartas, seu caráter de gênero híbrido, o qual mantém relações com a crônica, o romance, a poesia e assim por diante. A correspondência de um autor, em geral, é uma espécie de testemunho sobre cada uma das suas obras: “sobre sua gênese, sobre sua publicação, sobre a acolhida do público e da crítica e sobre a opinião do autor a seu respeito em todas as etapas de sua história” (GUIMARÃES, 2004, p. 10). A carta, como gênero fluido em seus limites, está impregnada de possibilidades literárias, segundo Marcos Antonio de Moraes:

A carta é ‘laboratório’ onde se acompanha o engendramento do texto literário em filigranas, desvendando-se elementos de constituição técnica da poesia e seus problemas específicos. Propicia a análise (gênese e busca do sentido) e torna manifestas as motivações externas que “precisam a circunstância” da criação. A escrita epistolográfica também proporciona a experimentação linguística e o desvendamento confessional. Enquanto expressão do momento, nascida ao correr da pena, os paradoxos e contradições se tornam presentes. Como em um romance, nela também as paixões entrelaçam e os desejos afloram (MORAES, 2000, p. 14).

Conforme apontou Júlio Castañon Guimarães (1996), Vincent Kaufmann, em seu livro *L'equivoque epistolaire* (1990), se baseou na expressão “equivoco epistolar” para formular a noção de que, em vez de contribuir para aproximar, para comunicar, o gesto epistolar desqualifica “toda forma de partilha”, ao criar “uma distância graças à qual o texto literário pode sobrevir”:

A proposição de tal hipótese implica afirmar o caráter oscilante da correspondência, ‘fragmentos de vida muito escritos para uns, textos muito pouco textuais para outros’. Quer as relações entre a correspondência e a obra sejam mais ou menos diretas, mais ou menos explícitas, esta não é a única possibilidade de perceber vínculos. O desenvolvimento da correspondência pode servir para, ao estabelecer uma distância, abrir um espaço propício à criação da obra. Naturalmente, aí se faz necessária uma série de condições. A primeira é dispor-se de um corpus epistolar suficiente, o que pode ser entendido de dois modos diante de uma outra observação de Vincent Kaufmann: na escolha de correspondências por ele

* Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Professor de Língua e Literatura Italiana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: raphaelsalomao@hotmail.com

realizada, ‘as correspondências representam um corpus ao mesmo tempo superabundante e sempre lacunar’. A correspondência é lacunar na medida em que compõe um longo texto fragmentado, podendo ainda ocorrer a situação de algumas peças não terem sido preservadas. Se a escolha de Vincent Kaufmann se deu por correspondências superabundantes, é fácil supor que nos casos contrários torna-se precário rastrear os elementos que sustentam sua hipótese (GUIMARÃES, 1996, p. 4-5).

Nesse sentido, prossegue Guimarães (1996), as cartas interessam ao trabalho crítico, por fatores que vão além da forma literal do texto, “ou seja, importam algumas articulações estabelecidas pela correspondência”: o “estatuto privado do material e os diferentes níveis de relação do texto epistolar com o texto literário, em sentido estrito, ou com o universo cultural dos autores, em sentido lato” (GUIMARÃES, 1996, p. 5).

No acervo de Jorge de Lima no Arquivo-museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, encontram-se trinta e seis documentos – datilografados e manuscritos – tais como cartas, bilhetes e cartões, enviados, entre vinte de dezembro de 1927 e vinte e cinco de janeiro de 1942, por Mário de Andrade (1893-1945) para Jorge de Lima (1893-1953). Por conta da extensão deste material e de sua relevância histórica, considerou-se mais adequado analisar, neste primeiro momento, uma parte da correspondência: serão levados em consideração, para os propósitos do presente artigo, vinte e três documentos (entre os quais, nove bilhetes e catorze cartas) enviados por Mário, no período compreendido entre vinte de dezembro de 1927 e oito de dezembro de 1934.

As epístolas escritas por Mário de Andrade permitem que o leitor tenha acesso a diversos aspectos do perfil multifacetado do autor paulistano. Em particular, a correspondência se estrutura em torno de três eixos principais relacionados entre si: a pesquisa de Mário sobre a música, o envio constante de textos entre os poetas e a relação entre crítica e poesia. Através da leitura das cartas trocadas entre Mário e Jorge, o leitor é informado sobre o desenvolvimento do trabalho enorme que Mário estava realizando sobre a música brasileira e que iria confluír em seu *Dicionário musical brasileiro*, publicado após um longo processo editorial, sob a responsabilidade de Oneyda Alvarenga e Flávia Camargo Toni (1989)¹.

¹ Segundo Flávia Camargo Toni: “Em 1922 Mário de Andrade tornou-se professor catedrático de Estética e História da Arte no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, instituição onde recentemente se formara pianista. A experiência didática marcou particularmente a produção do musicólogo a partir de então. Sem contar os muitos artigos em jornal, em 1928 o *Ensaio sobre a música brasileira*, no ano seguinte, o *Compêndio de história da música* e, em 1930, o álbum de *Modinhas Imperiais*, vão atestando o trabalho de pesquisa partindo da prática do dia-a-dia, pois, ao que se sabe, para Mário, toda matéria de investigação científica, era conseqüentemente matéria de ensino. Sabe-se também pelo anúncio das obras em preparo, nos livros publicados, que três pesquisas de fôlego foram sendo desenvolvidas simultaneamente. No *Compêndio de história da música* aparece anunciado *Na pancada do ganzá*; nas *Modinhas imperiais*, a *Música dos brasis* e o *Dicionário musical brasileiro*. Os três títulos figuram juntos na relação de obras futuras incluída em 1933 na segunda edição do *Compêndio*. Conhecemos hoje, graças ao Arquivo Mário de Andrade no Instituto de Estudos Brasileiros, a data precisa do início de *Na pancada do ganzá* e a do *Dicionário musical brasileiro*, o primeiro a 23 de agosto de 1929 e o segundo a 2 de outubro do mesmo ano. Mário de Andrade contava, nesse 1929, com a experiência de sua segunda viagem etnográfica quando, em estados do nordeste brasileiro, trabalhara praticamente três meses recolhendo material para um cancionero. Pretendia, depois do trabalho de campo, estudar o que reunira apoiando-se nos estudos e coletâneas existentes. Esse cancionero, ou *Na pancada do ganzá* tinha, é claro, necessidade de segurança teórica e terminológica. Daí, a confecção de uma bibliografia que serviu para escorar

Jorge, que acompanhou Mário em suas visitas a Maceió, enviou para o amigo diversos materiais para as suas pesquisas sobre a música, além de auxiliá-lo em suas dúvidas sobre aspectos linguísticos relacionados ao folclore. As epístolas foram enviadas durante um período de intensa produção dos dois escritores, os quais mantinham o hábito de enviar seus textos para a avaliação crítica do interlocutor amigo. Nos anos em que as cartas foram enviadas, Mário escreveu *Clã do jabuti* (1927), *Ensaio sobre a música brasileira* (1928), *Remate de males* (1930), *Os contos de Belazarte* (1934), o *Turista aprendiz* (1977), *Dicionário da música brasileira* (1989), *Café* (2015) e *Na pancada do ganzá*; Jorge de Lima publicou *Salomão e as mulheres* (1927), *O mundo do menino impossível* (1927), *Poemas* (1927), *Novos poemas* (1929), *Dois ensaios* (1929), *Poemas escolhidos* (1932), *O Anjo* (1934). Ricas de referências a figuras da vida literária daquele momento – como Manuel Bandeira, Paulo Prado, Alcântara Machado, Alceu Amoroso Lima, José Lins do Rego, Aluísio Branco, Raquel de Queiroz, Sérgio Milliet, entre outros –, as cartas foram escritas numa linguagem repleta de neologismos, italianismos, francesismos, gírias, onomatopeias e termos de baixo calão. As epístolas informam sobre o envio de textos, sobre a publicação de livros e artigos, sobre viagens, doenças e diversos acontecimentos da vida dos dois autores.

Além de dados relativos ao longo processo de pesquisa e de redação de textos sobre a música por parte de Mário, as cartas repercutem a tensão criada a partir da controversa questão do prefácio de *O Anjo*. Após ter recebido de Mário o prefácio à sua novela, Jorge desconfiou que Mário não tivesse gostado do seu texto. Por isso, o reescreveu e reenviou ao amigo, com a perspectiva de que Mário modificasse a sua crítica. *O Anjo*, enfim, saiu do prelo em 1934, porém, sem o prefácio de Mário. Lima apresentou motivos editoriais, como veremos, para justificar a exclusão do texto. Quando *O Anjo* venceu o prêmio Graça Aranha em 1935 e a editora *Globo* pediu uma segunda edição do livro, Jorge voltou a solicitar o prefácio ao amigo. No entanto, o volume saiu novamente sem o prefácio de Mário. Apesar das incompreensões, o relacionamento não parece ter sido afetado, se levarmos em consideração a continuação da troca epistolar entre os dois, realizada até 1943.

O relacionamento entre os dois escritores foi reconstruído de forma aprofundada, pela primeira vez, em 2002, por Marcos Antonio de Moraes. No artigo “Mário, Jorge”, Moraes analisou o conjunto de 45 documentos (entre cartas, bilhetes e cartões) redigidos por Jorge de Lima, entre fevereiro de 1929 e março de 1943. Esse material se encontra hoje no acervo de Mário de Andrade, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Conforme pontuou Moraes, os “documentos foram cuidadosamente conservados por Mário em seu arquivo pessoal e, depois de sua morte, em 25 de fevereiro de 1945, permaneceram lacrados, assim como toda a correspondência, por cinquenta anos, de acordo com o desejo dele” (MORAES, 2002, p. 147).

Em onze de maio de 1927, ao regressar do Rio de Janeiro para Maceió, Jorge encontrou, no navio Pedro I, o escritor paulistano e aproveitou a ocasião para lhe entregar um volume de seu romance *Salomão e as mulheres* (1927). Em seguida, ocorrem dois encontros em Maceió, no dia nove de dezembro

o dicionário” (TONI, 1989, p. 27). Toni ressalta, ainda, que, após a morte de Mário, Oneyda Alvarenga publicou o cancionário em seis volumes: *Danças Dramáticas do Brasil* (3 volumes), *Música de feitiçaria do Brasil*, *Os cocos* e *As melodias do boi e outras peças*.

e no dia vinte e um de fevereiro de 1929. O escritor alagoano focalizou parte da obra de Mário em *Dois ensaios*² (1929), texto bastante citado pelas cartas deste período. Por sua vez, Mário – além de dedicar a Jorge a seção “Poemas da amiga” do livro *Remate de males* (1930) – escreveu, ao todo, três ensaios sobre o escritor alagoano³: o já citado prefácio para *O Anjo*, publicado sem a autorização de Mário, em *O Jornal*, em 1934, e dois textos, publicados em 1939, no *Diário de Notícias*, a respeito do romance *A mulher obscura* (1939). Conforme destaca Leandro Garcia Rodrigues, Mário foi o mais importante dos epistológrafos modernistas e a figura que centralizou em si as diferentes questões de todo o movimento:

Dentre os modernistas, foi Mário quem mais teorizou, pensou e viveu o movimento através da correspondência. Numa missiva de 1924, ele próprio confessou a Carlos Drummond de Andrade: ‘Sofro de gigantismo epistolar’. Foi graças a esse gigantismo que hoje podemos dizer que Mário construiu uma obra paralela por intermédio das linhas escritas a amigos, intelectuais e estudantes em geral. Ele tinha consciência de ser essa espécie de orientador e formador de uma geração, de novos talentos, e foi com esse espírito de mestre (mas principalmente de amigo) que passou infinitas horas de sua vida a escrever de maneira contumaz, para utilizar um dos adjetivos que ele empregou para definir a sua epistolomania (RODRIGUES, 2023, p. 55-56).

Cartas 1927-1929

Na primeira carta do dossiê, a do dia vinte de dezembro de 1927, Mário escreve referindo-se ao envio de seu livro *Clã do jabuti* (1927) e acusa o recebimento de *O mundo do menino impossível* (1927)⁴. A carta, na qual o escritor paulistano reclama da escassez de tempo e do excesso de trabalho, é interessante porque comprova a prática comum, entre os autores modernistas, de enviar seus manuscritos através da troca epistolar. Mário declara que guardou com cuidado o caderno enviado por Jorge:

Jorge de Lima, é inconcebível, mas só agora venho lhe agradecer o livro que me mandou. Você de certo vai falar que mais inconcebível ainda é eu estar afirmando que isso é descaso. Pois não é não. Desque cheguei vou levando uma vida de caos terrível. Tenho arquivado cartas... a vida não dá mais pra mim, é por demais pequena pra tudo que tenho que fazer. Enfim você acredite ou não, estou aqui na maior das inocências afirmando que... que foi falta

² Os ensaios intitulam-se, respectivamente, “Proust” e “Todos cantam a sua terra”. Em “Todos cantam a sua terra”, Jorge escreveu a respeito de *Macunaíma*: “Deixou falar o seu subconsciente, que é uma parte do subconsciente coletivo do país, conseguiu um bocado enorme da nossa expressão. Escreveu um livro grosso em seis dias. Um raide do subconsciente universal. O herói deixa de ser portanto Macunaíma para ser o próprio Mário” (LIMA, 1958, p. 1032-1033).

³ Mário escreveu, também, uma crônica, intitulada “Fantasias de um poeta”, publicada em o *Estado de São Paulo*, em 1939, sobre as fotomontagens de Jorge de Lima.

⁴ Na biblioteca de Mário de Andrade, hoje conservada no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, há diversos volumes anotados pelo autor. Sobre as leituras minuciosas de Mário, Telê Ancona Lopez destacou: “Enquanto lia uma obra, anotava as margens com intuítos vários. Com um traço à esquerda ou à direita, salientava trechos importantes a serem fixados no estudo do autor, dando quase sempre ao lado, em uma ou duas palavras, a indicação do assunto. Os trechos selecionados eram marcados na página de rosto do livro e, a seguir, passavam com sua numeração bibliográfica para fichários de assunto” (LOPEZ, 1974, p. 4).

de tempo, não, afirmando que foi um caos de vida que me fez não agradecer antes o *Livro do menino impossível*. Mas prova legítima que não me esqueci mesmo é nem bem meu Clã saído, mandei ele pra você. Aqui vai. Não repare na edição pobrinha que nem de longe se aproxima da de você. Que edição bonita a de você, puxa! Gostei. Se um dia você passar nesta sua casa da rua Lopes Chaves, 108, verá como que guardo o caderno. As ilustrações são deliciosas. O índice uma invenção. Os versos gostosos. Meus parabéns e se não zanga, minha inveja. E o que está fazendo agora? Mande uma carta se não está enfezado com a demora desta. E creia que aqui estou às ordens de você (Arquivos Casa de Rui Barbosa).

Na carta do dia dezessete de maio de 1928, em que Mário acusa o recebimento do poema “Louvado”, o escritor paulistano menciona também os jovens escritores José Lins do Rego (1901-1957) e Aloísio Branco (1909-1937). Na epístola – mais um exemplo da prática constante de envio de textos entre os autores –, resultam evidentes alguns estilemas recorrentes na construção linguística elaborada por Mário ao longo da correspondência: o uso de diminutivos (“casinha”) e aumentativos (“palacetão”, “vermelhidão”), de interjeições (“olê”), de brasileirismos (“inda”); a função conotativa da pontuação (como no caso dos pontos de exclamação e dos pontos de suspensão) e a construção de imagens poéticas (“Aloísio Branco quando aparece é assim uma espécie de estrela-do-mar branca”):

Essa doçura de fazer inda versos... essa ingenuidade fiel que ficou em você, capaz de me mandar os versos como uma carícia... e essa honradez de inda fazer versos pra Nossa Senhora... esse acaso deslumbrante de morar em Maceió!... Em Maceió a gente caminha um bocado e se dependura nos morros sobre as lagoas... Em Maceió a água de mar se derrete brasileiroamente inchada por poder refletir um templo impossivelmente grego... o que chama atenção também é aquele palacetão pernóstico, bom pra anunciar que a terra é de opulências rápidas, bem americanas e bem bestas... Em Maceió, Jorge de Lima está fazendo uma casinha colonial pra fazer versos de todos os tempos... Em Maceió Lins do Rego é uma espécie de galinho-de-campina bem decente, com a vermelhidão por dentro, numa alma da gente. Aloísio Branco quando aparece é assim uma espécie de estrela-do-mar branca e até transparente [...]. Botando ele de pé no meio duma paisagem, não sei se você pôs reparo, ele não atrapalha nada, a gente enxerga tudo da mesma maneira... ali, Maceió!... Nessa terra nasce coco, olê!... Jorge de Lima, não se amole com esta minha fraqueza de lembrar. Parece que inda não estou na idade pra isso. Não estou mesmo e vou indo pra diante. Tenho trabalhado bem no tesouro que trouxe d’aí e espero o que você vai me mandar com ânsia nítida de relógio marcando hora. Mas, trabalho, trabalho, não sei... quando senão quando me bate assim agora esse jeito de ficar bom pra comigo, me acariciar e disfarçar os meus cuidados (Arquivos Casa de Rui Barbosa).

Na carta, enviada de São Paulo, do dia oito de março de 1929, Mário se refere ao livro *Poemas* (1927), de Jorge de Lima. Resulta que o poeta alagoano havia submetido seus poemas à avaliação de Mário, o qual, porém, se desculpa com o amigo por tê-los emprestado a Manuel Bandeira. Há uma correspondência inédita, também, entre Manuel Bandeira e Jorge de Lima, a qual atesta, como esta que estamos analisando, a contribuição fundamental do autor alagoano ao modernismo brasileiro. Inclusive em carta de nove de janeiro de 1930, ao acusar o recebimento de *Dois ensaios*, de Jorge de Lima, Bandeira alude à repercussão do nome do poeta no meio modernista do Rio de Janeiro: “Seu nome aqui continua na berra. Ainda há poucos dias vi uma referência a você no Tristão de Athayde. Está se formando a

impressão de que a sua ‘Negra Fulô’ é uma das coisas mais reussidas do modernismo. A mesma opinião tenho do ‘inverno’ que acho perfeito e delicioso como lirismo e como composição”.

Mário menciona, na carta de março de 1929, seu enorme interesse pelo Nordeste e a intenção de realizar um livro sobre a música popular com o material que irá coletar, contando, inclusive, com 50 documentos enviados por Jorge. O escritor paulistano aconselha o amigo a respeito da realização das gravações das músicas, destacando a necessidade de se dar importância ao ritmo e à entoação. Mário já estava consciente da dimensão e da relevância de sua pesquisa, tendo acabado de regressar de sua primeira viagem, realizada entre dezembro de 1928 e fevereiro de 1929, ao Nordeste:

Jorge de Lima, fui injusto pra com você. Imagine só que caí no Rio, mas que calorão desgraçado! Também só pude aguentar 2 dias abatidíssimo aquela África dos diabos e vim fugindo pra fresca vespertina de S. Paulo. Dois dias de Rio, Alcântara Machado lá, uma lufa lufa de amigos, eu contando o Nordeste, piadas, gelados, refrescos, automóvel, grupinhos de literatice mesquinhos. Lima, falei mal dos outros várias vezes com o Manuel Bandeira, chegamos ambos a conversar sobre você e me esqueci de pedir o livro de poesias! É o cúmulo do pouco caso porém só posso dizer de dentro de minha alma mais pura que não foi pouco caso não. Não esqueci. Afobação, abatimento, alegria de encontros e me esqueci. Também assim que assinar esta, escrevo outra pro Manuel e garanto que ele manda imediatamente os versos de você pra você. Pensei inda agorinha em pedi-los pra mim porém seria demais, você está com pressa. Lerei o livro impresso. Como o mal se paga com o bem espero que você não zangue e principie o mais breve possível arranjando aí as músicas que me prometeu (Arquivos Casa de Rui Barbosa).

Na continuação da carta, Mário, então, descreve a quantidade enorme de material musical de cultura popular que reuniu no Nordeste do país e dá conselhos a Jorge sobre a necessidade de que as melodias sejam anotadas com precisão de detalhes. O autor paulistano, já no início da empreitada, percebe a importância da obra que está realizando, prevendo que se tornará um trabalho de referência para os futuros estudiosos do tema:

Só amanhã principiarei revendo e estudando a minha colheita nordestina. Só sei que são nada menos de 666 documentos colhidos por mim em todo o caminho. É um número monumental a que espero ajuntar ainda pelo menos 50 documentos alagoanos mandados por você. É promessa que considero dívida. Peço chamar a atenção de quem anotar as melodias pra anotar com todas as sutilezas de entoação e de ritmo que tiveram. Não simplificar. Registrar com a máxima exatidão possível o cantado. Também exatamente a dicção. Estou convencido que com a documentação que já possuo meu livro vai ficar monumental e importantíssimo. Será sem dúvida um repositório de valor constante a que músicos e outros terão de se reportar sempre. Vou já desde amanhã trabalhar nele. É gostoso a gente trabalhar numa coisa em que, mesmo que trabalhe mal, a gente percebe um valor fixo. E ciao por hoje. Um abraço pro Lins do Rego, outro pro Aluísio, me recomende a sua mulher (Arquivos Casa de Rui Barbosa).

No curto bilhete do dia três de agosto de 1929, Mário escreve a respeito de Noêmia do Nascimento Gama (professora de declamação e famosa declamadora de versos, na rádio e em saraus, nas décadas

de 1920 e 1930): “Meu caro Jorge de Lima, vai com esta e o meu prazer da apresentação, dona Noêmia do Nascimento Gama, a quem você mostrará as Alagoas e fará provar o sublime sururu que mora nos fundos das alagoas. Saudades aos nossos mais dois companheiros de... auto, e creia sempre seu”. Na carta do dia doze de novembro de 1929, Mário explica como, ao realizar as pesquisas para a elaboração de *Na pancada do ganzá*, concebeu a ideia de criar um *Dicionário musical brasileiro*, previsto, segundo ele, para ser publicado após dez anos de intenso trabalho⁵:

Acabo de receber a carta de você. Não faz nem hora e respondo já depois de acabado um trabalhinho que não podia deixar. Também respondo só mesmo pra dar um ar de minha graça – por sinal que graça fatigada, de cabeça pesada, num dia inteiro que só foi leitura e notas de letrinha miúda. Notas, leitura que me ocasionou essa colheita de músicas nordestinas, o ano passado. O mundo de trabalho que eu fiz e o mundo que inda tenho que fazer pra que o livro saia com um esforço meu pelo menos tentando ser digno do tesouro que vai revelar, é um mundo imenso de trabalho. Mas Deus há de me dar paciência, coragem, vigor e claridade pra que *Na pancada do ganzá* saia, por todos os lados, utilmente ilustre. Vamos ver!... só que já ando espaçando mais as datas de publicação do livro. Primeiro imaginei que por fins de 1930 estaria pronto. Agora já não sei mais. O trabalho é imenso e o tempo escasso, porém pouco me incomodo de durar mais todo 1931 no trabalho, contanto que a coisa saia... com justiça. Mas devido a estar lendo tanta coisa, pra não perder tempo, resolvi por mãos simultaneamente noutro trabalho interessante o que implica diretamente as leituras que ando fazendo agora. Nada mais, nada menos que um *Dicionário musical brasileiro*. Não acha interessante? Trará as vozes musicais brasileiras com suas explicações e tudo com abreviação, literária, popular (quadradas, frases feitas etc.) ou de algum colaborador ‘de importância em virtude e letras’. Conto desde já com você. Tudo o que achar de mais curioso e mais raro me mande pra fazer parte dos colaboradores. E com abreviação, se a coisa for achada em livro. Indicações de página, data, tipografia, idade. É obra que durará 10 anos. Pretendo tê-la prontinha lá por 1940. Fiz abolição da morte em minha vida e sei que o *Dicionário* sairá. Não estou ainda trabalhando nele, só trabalharei quando *Na pancada do ganzá* sair, porém vou tomando nota dos termos e expressões que me surgem ao acaso das leituras. Pois com 2 meses desse caso, já estou com uma coleção bem interessante. Imagino que com 10 anos ela ficará formidável (Arquivos Casa de Rui Barbosa).

Na carta, além da preparação do *Dicionário da música brasileira*, Mário confidenciou ao amigo que estava redigindo um grande romance com o nome de *Café* (2015)⁶. O escritor paulistano se demonstra lisonjeado com a notícia de que Jorge de Lima iria publicar, naquele ano, um estudo sobre a sua obra. Pede para que Jorge seja sincero em sua análise e não tenha medo de ofendê-lo, em nome da “amizade que nos irmana”:

⁵ Segundo Marcos Antonio de Moraes, a faceta do Mário como intelectual múltiplo (poeta, ficcionista, crítico e historiador das artes plásticas, da música e da literatura, pioneiro no uso literário da língua portuguesa falada no Brasil, estudioso do cinema, fotógrafo, pesquisador do folclore e da cultura popular) é verificável sobretudo nos projetos de grande amplitude cultural como o *Dicionário musical brasileiro* e *Na pancada do ganzá* (MORAES, 2007, p. 207).

⁶ Mário fala a respeito desse romance, publicado póstumo, em carta do dia catorze de julho de 1929: “Os momentos disponíveis que tenho, de noite e de manhã, são pra tratar de meu livro de folclore e dum romance *Café* que me está deixando muito curioso demais” (RODRIGUES, 2018, p. 141).

E é só? Infelizmente não. Quando a fadiga me impede estudo, ou quando um mandamento interior me ordena escrevo as páginas do *Café*, romance gigantesco com oitocentas futuras páginas e que é uma verdadeira maluquice (como empreitada). Mas espero dar nele uma imagem (minha) do que é a vida paulista do princípio deste século e mais alguns jeitos meus (pessimistas) de ver a nossa gente. Por outros trabalhos de Hércules, um herculezinho de feira, atualmente solitário e cultivando só amizades e convívios muito escolhidos e propositalmente restritos, por tudo isso você me perdoe não ter escrito a mais tempo pra você. Isto acredite que não quer dizer pra com você, senão ingênia de trabalhos e escassez de tempo – que eu quero bem você como quero a esta minha boca maravilhosa que sabe rir bem, que gosta de comer bem e dizer as palavras da minha verdade. Fui eu que pedia pra você a linha da ‘Negra Fulô’ pra botar no meu livro. Sairá com as referências que você merece. Mas fiquei... fiquei tudo com a notícia do seu *Ensaio* sobre mim. Nem posso criticamente dizer que o sentimento principal é a curiosidade. É, sim, uma burundanga danada de gratidões, curiosidades, temores, humildades e, de repente, uma noção de surra, batida de chapa na minha cara e tão implacavelmente que fico escalavrado. E reduzido a mim mesmo... cá pra nós, que ninguém nos ouça, agora não sei... mas é incontestável que sinto uma incontida amargura de mim. Bom, é melhor não falar nisso. Mas se lembre, Jorge, que se você escrever mesmo alguma coisa sobre mim, não se deixe levar por esta amizade que nos irmana tanto nem pelo temor de me amargar. Diga o que pensa, que jamais a verdade nem o julgamento alheio me maltratou, quando saiu sincero e fruto sem podrume de mau sentimento. E este podrume em você já sei muito que não pode existir. Bem, vou parar como as cartas da amizade param, sem acabar. O desejo era ficar toda a vida parolando, parolando, porém é necessário parar. Então a gente põe um outro ponto final bruto porque tanto faz acabar aqui como além. Ponto final (Arquivos Casa de Rui Barbosa).

Cartas 1930-1931

Na carta do dia dois de janeiro de 1930, Mário escreve a respeito dos *Dois ensaios*⁷ (1929), dedicados à obra de Marcel Proust e, em parte, à sua. É interessante notar o pioneirismo de Jorge de Lima na crítica sobre Proust, cuja obra ainda estava sendo publicada naqueles anos. O próprio Manuel Bandeira, na carta do dia nove de janeiro de 1930⁸, declarou algo parecido com que Mário manifesta nesta missiva:

⁷ Na carta de vinte e dois de agosto de 1929 para Alceu Amoroso Lima, Jorge faz referência a Proust: “Desejo receber notícias de você, meu amigo. José Lins do Rego seguiu para aí à semana passada levando os documentos sobre Proust de que falamos” (RODRIGUES, 2022, p. 139).

⁸ Nesta carta inédita – conservada no acervo de Jorge de Lima na Fundação Casa de Rui Barbosa –, Bandeira escreveu a Jorge de Lima: “A respeito do Proust nada sei senão o pouco que tenho lido em alguns críticos. Confesso o meu aleijão: ainda não pude meter o dente no Proust. Quando ele ainda não estava na moda tentei lê-lo e desanimava achando-o monstruosamente cacete. Fiz várias investidas sempre fracassadas. Se abria o livro ao acaso e lia um pedaço gostava bem, parecia-me tudo interessante, substancial e embastido. Continuando a leitura voltava sempre a impressão de cacetada. Mas agora tenho de tomar providências sérias porque não é mais possível continuar desconhecendo Proust. Vou ‘estudar’ Proust. Como se faz com o primeiro romance que se lê numa língua que ainda se está aprendendo: lerei 2 páginas por dia como uma obrigação. Poder ser ‘que l'appétit viennoise en mangeant’. Atribuo uma parte dos meus fracassos proustianos ao tipo ou antes formato da edição que acho antipaticíssimo: naquelas páginas largas a análise implacavelmente minuciosa do Proust ainda parece mais comprida, mais ‘délayée’. Sei que estou empregando mal o adjetivo, Proust não é ‘délayée’, todavia é a impressão que dá a minha impotência de atenção”.

seu escasso conhecimento do escritor francês. O autor paulistano, ao se demonstrar entusiasmado pelo ensaio de Jorge, destaca o aspecto “envolvente” da crítica do escritor alagoano. No início da epístola, Mário se detém, também, em particulares sobre as atividades desempenhadas como professor de História da Música e da Estética no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. O escritor paulistano declara que, naquele momento, desejava que seu nome não fosse excessivamente citado pelos críticos, a ponto de ter pedido, ao mais prestigioso entre eles (Tristão de Athayde), que silenciasse o seu nome:

Meu querido Jorge de Lima, boas entradas. Só agora respondo ao envio dos *2 Ensaios* porque tive um mês horroroso de exames, só acabados mesmo às 12 horas do dia 31. Era dia e noite dum trabalho abatedor, moral e fisicamente. Não sei como esta prática infame do exame inda não levou alguns examinados ao suicídio. É fantástico como é fácil praticar a injustiça e como o homem se acomoda bem em ser injusto. Palavra que jamais me amarguei tanto com ter de examinar gente, como este ano. Minha única satisfação é que pelo menos a banca que presidi foi tomada pelos alunos como banca dos amigos, onde se vinha receber nota mais alta que a merecida. Questão de sentimentalismo meu, está se vendo. Mas vamos aos *2 Ensaios*. Meus parabéns. Não imaginava que você, tão forte e impreterivelmente lírico, fosse também bom fixador de coisas. Pois é sim. Os *2 Ensaios* é livro que para em pé, como dizia o Capistrano de Abreu. Você me recomendou que lesse também o ensaio sobre Proust. No princípio fiquei meio espicaçado com a recomendação. Está claro que havia de ler, Jorge de Lima. Não me imagino tão vaidoso assim a ponto de na crítica só ler quando falam de mim. Até, no momento, o que eu leio com certo desgosto em crítica é justamente o que fala de mim. Isso é tão verdade que pra certos amigos mais certos e escrevedores, como o Tristão de Athayde, por ex., pedi que silenciassem meu nome o mais possível. E mais: é certo que resolvi sair da crítica, o quanto possível, pois é ideia inabalável não mandar mais livro meu (editado por mim) pra nenhum crítico oficial. Estou carecendo de silêncio, ou, pelo menos, da ausência de tolices. O que você disse sobre mim é dessas coisas que satisfazem um indivíduo que escreve honestamente. Que honra. Muita fixação verdadeira e outras coisas que não senti que fossem verdadeiras. O que não quer dizer que não sejam verdades, é lógico. Pirandello... o ensaio sobre Proust, é natural, não tem a mesma firmeza aventureira do outro ensaio. É mais tímido, menos original. Eu conheço pouco Proust, principalmente o homem e a crítica europeia sobre ele. Por isso não posso dar uma opinião verdadeira sobre o trabalho de você. Mas gostei enormemente do ensaio pelo que ele me revelou e me frisou de Proust. E gostei sobretudo da maneira com que a crítica de você foi dirigida. Uma espécie de crítica-linha, que foi envolvendo, envolvendo, ficou uma espécie de novelo com a múmia de Proust dentro. Isso achei ótimo e qualquer dia hei de plagiar esse jeito de crítica envolvente. E ciao. Abraços aí pro Lins do Rego e Aloísio Branco (Arquivos Casa de Rui Barbosa).

No dossiê da correspondência, há um envelope que contém sete bilhetes, dos quais somente um possui data: o de vinte e dois de dezembro de 1930. Nesse bilhete, Mário escreveu pedindo informações linguísticas sobre determinadas palavras, utilizadas, numa carta antiga, por Jorge de Lima:

Seu Jorge, às pressíssimas. A estas horas você terá lido meu livrinho e esquecido a homenagem. Foi homenagem de coração, acredite. Sobre o seu caso, esperei o Paulo Prado chegar pra lhe pedir as *Visitações*. Amanhã telefonarei a ele sobre e irão sem falta. Só creio que o 1º volume está esgotado e não o tenho. Merci o que é possível arranjar. No domingo estive com o

Alcântara e me lembrei da sua pergunta. Meu jacaré lembrou! Mas apenas a verdade é que ele está trabalhando no lampião, que eu sei. Portanto pode mandar o que arranjou. Outro dia, relendo uma carta velha de você, numa letra danada de ilegível, topei com este pedacinho: ‘Coisa bonita é toda a música de pífano (não sei se você escreveu ‘pífano’ ou ‘guitarra’!) dos ‘esquenta mulher’. Dele a ‘marcha de entrada’ nas cidades é sempre a mesma’. Mandei depois dizer se é pífano mesmo e o que é esse tal de ‘esquenta mulher’ que não sei. Como vai nossa gente? (Arquivos Casa de Rui Barbosa).

Jorge, em dois de janeiro de 1931, respondeu a este bilhete, explicando o significado da expressão “esquenta-mulher”: “É música de pífanos que tocam com zabumba, caixa (2 ou 3 pífanos). Chamavam esquenta-mulher. Tem marchas especiais para entrar nas cidades”. Há outro bilhete sem data em que Mário menciona uma desavença ocorrida por conta da publicação, não autorizada, no *Diário Nacional*, do poema “Um monumento”, de Jorge de Lima, e da sua (de Mário) nota sobre o poema. No bilhete, Mário faz uma referência ao viajante francês Paul Marcoy (1815-1887):

Tinha escrito esse cartão pra você ontem, terça, de manhã. Depois peguei o *Diário Nacional* do dia e topei com seu poema assim como minha nota sobre ‘Um monumento’ (no verso da folha) aliados e publicados sem minha autorização. Enfim?... Não vale a pena a gente zangar porque essas coisas é mesmo o que se chama de vida. Tinha ficado meio com a pulga atrás da orelha por causa do Paul Marcoy. Afinal já sei tudo. É livro de pouca importância, até tão fácil de achar que aqui a livraria Universal possui um, vi e examinei. Não tem música nenhuma do Brasil, não. E quanto a gravuras é quase cento por cento inferior ao Rugendas. 1860 é a data (Arquivos Casa de Rui Barbosa).

Além do cartão em que Mário acusa o recebimento de um retrato de Jorge (“recebi carta e retrato. Hoje só acuso a chegada e nada mais. Em julho vou no Rio fazer uma conferência. Levarei então o meu retrato, que infelizmente não é tão grandão. Mas tenho o orgulho secreto de sentir que está igualmente bonito”), há um bilhete em que Mário sintetiza a angústia vivenciada durante o ano de 1930: “Jorge, não tenho nem sossego nem espírito pra contar o que houve por aqui e que miséria de vida foi a minha durante a revolução, irmão preso, e o diabo! Vai este cartão mas é só pra um abraço e saber notícias de você e nossa gente aí. Tudo bem?”⁹. Outro cartão sem data menciona uma passagem de Jorge de Lima pela cidade de São Paulo:

Jorge você deixou um vazio a mais nesta terra mágica. Foi triste a sua partida, vim andando lá da estação até as Perdizes, a pé, buscando as ruas mais despovoadas. Foi bom, cheguei em casa bem vivido, alegre e já com saudades. Não mando o *Diário Nacional* porque o

⁹ Jason Tércio, no capítulo reconstruiu, em grandes linhas, a situação política da chamada “Revolução de 1930” e as repercussões na vida de Mário de Andrade: “O irmão de Mário foi preso no dia 5 de outubro e conduzido para a Cadeia Pública (depois Presídio Tiradentes), vetusto e decadente prédio numa cela com outros presos políticos. Mário o visitou mais de uma vez e dava notícias da situação. Policiais vigiavam as duas casas da família. Dona Maria Luzia, Nhanhã, Celeste, Lourdes e tia Isabel estavam aflitas. Agentes iam à casa de Mário e entravam para averiguações, por ordem do dr. Laudelino de Abreu, delegado de Ordem Pública e Social. Faziam perguntas sobre qualquer coisa que pudesse ser interpretada como ajuda aos insurgentes

[...] ¹⁰ ou se perdeu ou o linotipista não fez. Dentro daquele *Diário* a barafunda é medonha e ninguém sabe de nada. Graças a Deus que não saiu seu poema porque franqueza eu ficaria envergonhado de saudar o número porcaria pra você. Vou retirá-lo hoje zangado (Arquivos Casa de Rui Barbosa).

As cartas trazem informações sobre diversos aspectos da vida literária do período, como é o caso da epístola do dia doze de junho de 1931, em que Mário menciona a publicação de *Retrato do Brasil* (1928) de Paulo Prado:

Se você pudesse imaginar o que tem sido a minha vida este ano amaldiçoado, naturalmente que me perdoava o silêncio ingrato em que eu deixei você. Faça um colarzinho de tragédias caladas bem temíveis e bote no meu pescoço que esse é meu enfeite este ano. Também não é que não pensasse em responder pra você, de vez em quando pensava, mas a carta de você pedia resposta e eu ainda não podia responder, não fizera o que você me pedia nela e por isso deixava pra quando tivesse dado conta do recado. Entre outras coisas você me pede que fale com o Paulo a respeito do *Retrato do Brasil*, ora eu estou rarissimamente com o Paulo, porque não apareço pra ninguém quase. Basta você saber que sendo de almoçar todos os domingos na casa do Paulo, este ano não almocei lá nem uma só vez. Assim as poucas vezes três ou quatro em que estive à vista dele, confesso pra você que me esqueci do pedido, tínhamos tanto que falar sobre a *Revista* e a nossa terra que os assuntos individuais me escaparam. Mas isso não tem tanta importância porque o livro não iria já pois a edição se acabou. Agora estão fazendo outra e guardarei a sua carta em separado, em vez de arquivá-la pra não me esquecer de falar. Você também me pede o meu retrato, não tenho. É inconcebível mas não tenho. No entanto este ano mesmo, um fotógrafo moderno daqui, tirou quatro provas minhas, todas interessantíssimas, pra exposição que fez. Fiquei de mandar tirar uma dúzia delas pra distribuir mas como o artista pedia muito caro, a encomenda foi esperando tempo mais oportuno. Em todo caso é certo que inda este ano você receberá aí meu cartão. E agora até breve. Depois-damanhã ¹¹ parto pra fazenda descansar, enfim! Estou um fantasma, você não imagina, abatidíssimo, com uma cara medonha. Passo as noites todas em claro, dormindo no máximo três, quatro horas. Deve ser fadiga e este mês de fazenda me recomporá na certa. Lembranças pros amigos (Arquivos Casa de Rui Barbosa).

No dia vinte e nove de junho de 1931 ¹², Mário acusa o recebimento dos poemas que seriam incluídos no livro *Poemas escolhidos* (1932), lamentando a exclusão, na antologia, do poema “Negra fulô”:

Faz muitos dias que estou já pra lhe escrever. Gostei afinal os *Poemas Escolhidos*, com toda a intensidade e saúde. Li, melhor reli, porque quase todos eram poemas vividos já pra mim. Lastimei, num livro de poemas escolhidos, não vir a ‘Negra Fulô’, porque se por nós o coco já é sobejamente sabido e amado, tem muita gente, muito hispano-americano de passagem,

ou sobre veículos estacionados na frente da casa. Quando Washington Luís caiu, no dia 24 de outubro, os quase trezentos presos políticos da Cadeia Pública foram soltos, Carlos entre eles” (TÉRCIO, 2019, p. 319).

¹⁰ Ilegível.

¹¹ Assim no original.

¹² Datilografada.

ou estrangeiro conhecendo por acaso o português, que pra comprar um poeta, compra *Poemas Escolhidos*, onde pretendidamente está o melhor do homem. E esse infeliz não terá conhecimento da ‘Negra Fulô’ (Arquivos Casa de Rui Barbosa).

Na continuação da carta, Mário demonstra interesse linguístico pelo termo “clarinete” (e não “clarineta”, segundo o uso comum) por parte de Jorge de Lima, anunciando como futuras publicações o seu *Dicionário musical brasileiro* e o segundo volume de *Turista aprendiz*. Mário se refere, também, mais uma vez, ao livro *Na pancada do ganzá*. Na carta, o autor parece revelar certo desinteresse pela escrita poética:

Tem no seu livro uma palavra que me interessa muito por causa do meu futuríssimo *Dicionário musical*. É na página 38, em que você escreve ‘clarinete’ e não clarineta, como se fala em geral. Foi propositado ou foi engano tipográfico? É comum falarem clarinete nas Alagoas? Mande alguma respostinha, não se esqueça, que, aliás, essa não será a única vez em que você ficará lembrado no *Dicionário*. Vamos indo. Estou metido um pouco mais em trabalho meu de mim. Reagi bruscamente contra a vida ambiente que estava me dispersando, e desde segunda-feira, só desde segunda-feira, principiei mexendo em coisas minhas. Organizei, pra começar a escrever dominicalmente pra jornal, toda a papelada que eu tinha e notas sobre a viagem ao Amazonas, e vou dar com tudo isso um novo tomo do *Turista Aprendiz*. Este, com intenção de reunir depois em livro. O que deverei dismantelar inteiro, pois foi feito na maioria dos artigos com informações etnográficas que devem ir, e ficam melhor, no *Pancada do ganzá*, com a colheita musical e os versos. Poesia não faço nada e me sinto mesmo a dez mil léguas da Poesia. E ciao. Um grande abraço carinhoso. Recebeu afinal, em segundo envio, o meu *Compêndio*¹³ (Arquivos Casa de Rui Barbosa).

Na carta¹⁴ do dia três de novembro de 1931, Mário menciona o endereço do escritório, recém-inaugurado, no centro do Rio de Janeiro, onde Jorge de Lima exercia sua profissão de médico:

Jorge nosso, desaforo! Você num papelucho de receita médica, todo bancando importância, manda me dizer ‘Escreva’, e então porque você não escreve? Aqui ficava interessante, gênero Campoamor, escrever uma baita de carta pra você dizendo que positivamente não escrevia pra você, mas não sou desse não. Tomo nota do endereço, pra si for no Rio ir te abraçar, coisa indispensável pra quem já um dia conheceu Jorge de Lima. Mas não escrevo não. Fornique-se! Brinque-se! Etc.!... (Arquivos Casa de Rui Barbosa).

Cartas 1933-1934

Na carta¹⁵ de oito de agosto de 1933, Mário, além de mencionar um estudo sobre o compositor Luciano Gallet – falecido, precocemente, em 1931 –, declara que aceita prefaciá-lo *O Anjo*:

¹³ *Compêndio de História da música* (1929).

¹⁴ Datilografada.

¹⁵ Datilografada.

Meu caro Jorge, aqui tenho a sua carta que requer urgência de resposta e é só mesmo por causa dessa urgência que estou lhe escrevendo. Passei uma semana incrível, metido num estudo sobre o Luciano Gallet, estudo esse que deverá prefaciá-lo livro que a viúva vai fazer, com os trabalhos sobre folclore musical, escritos pelo compositor. Quis fazer coisa séria e só vendo a trabalhadeira que tive. E inda vou ter porque imaginava acabar tudo até hoje e ainda falta o mais difícil, que é a crítica das obras... bom, não quero perder tempo, neste sábado que até está me parecendo segunda. Aceito como convite régio prefaciá-la sua novela. Está claro. A honra é pra mim, e só temo não fazer coisa na altura, neste chinfrin de vida. Pode mandar a novela e mande o quanto antes. Mande ainda dizer de que tamanho quer o trabalho e quantos dias me dá pra ele. Não dê muito poucos pra que eu possa me mexer melhor. Não lhe escrevo mais por hoje. Espero que em outubro nos abraçaremos, pois devo ir no Rio fazer duas conferências. Ciao (Arquivos Casa de Rui Barbosa).

Há um bilhete sem data, em que Mário, o qual já havia mandado o prefácio e o manuscrito de *O Anjo*, parece intuir que o texto não agradou ao amigo:

Jorge estou muito contrariado porque faz uma semana que lhe mandei o *Anjo* e prefácio e até hoje você não acusou recebimento. O número do registro no correio é 106430. Se não chegou reclama aí e me avise pra eu reclamar aqui também. E se é hesitação por não gostar do prefácio e carinho em não querer dizer nada, meu Deus! Diga sem medo que nem eu gosto. Lhe juro que não brigaremos por isso (Arquivos Casa de Rui Barbosa).

Há outro cartão, também sem data, em que Mário escreve: “Realmente Jorge começo a ficar um pouco estomagado com você. Este é o terceiro cartão em que lhe pergunto se o seu manuscrito chegou aí e nada de resposta. A única desculpa em me alimentar assim a inquietação é alguma doçura grave, o que não espero. De outra qualquer forma, não é justo o seu procedimento pra comigo”. A carta¹⁶ do dia vinte e quatro de dezembro de 1933, já identificada, por Marcos Antonio de Moraes, como uma das mais carinhosas do escritor paulistano¹⁷, é um exemplo da admiração nutrida por Mário pelo amigo poeta:

São Jorge, não passo este fim de ano sem lhe escrever. Outro dia aliás andei meio que falando mal de você pra um amigo mas o que falei não digo, porque carecia explicar bastante, desenvolver tudo, fazer uma tese, e agora não tenho tempo. Fique você com esta pulga atrás da orelha, seu sensível sururu, mais doce que o das alagoas de Alagoas, goak, goak, urra! urra! Jorge de Lima!... Bem, que se faz? Andei carecendo de você, sabe? Doente, dizem que rins, não sei, perdi mais estes três meses depois que vim daí. E você, porque não virá pra S. Paulo por 3 dias me fazer uma visita de médico, me examinar, me receitar, e depois cair comigo num almoço do mundo, bons pratos, bom vinho, e conversa a dois, bem longa, como a gente não pode ter nessa cidade de S. Sebastião, perda de coletivismo pra quem vai. Bom,

¹⁶ Datilografada.

¹⁷ “A carta escrita em 1933 mostra-se como uma das mais carinhosas entre aquelas que Mário dirigiu a um amigo homem” (MORAES, 2002, p. 152).

mas deixe a visita pra quando eu chegar de Lindoia que parto pra lá dia 1 próximo, mode me curar. Estou com saudade de você, Jorge. Agora escrevendo é que eu comecei reparando nisso. É curioso como você é impregnante, não sei se me explico bem. Sua presença me faz um bem danado e eu carecia dela mais. Falarmos, ou não falarmos, é curioso como nem existe a precisão de conversa, nem mesmo fiada, na maneira com que eu quero bem você. Como não se trata de amor, dos possivelmente feios, fico meio absorto, com vontade de meter regras de estética no caso. Você não é o que se chama de homem bonito, mas deve haver na sua fala, nos seus traços físicos e também na alma sua, elementos de prazer descansado, que me fazem enormemente bem. Se vivêssemos na mesma cidade talvez você exercesse na minha vida um papel de anjo. Não digo papel corretivo, mas confortativo. E eu lhe contaria as minhas enormes cabeçadas. Bem, feita esta declaração, te abraço e parto (Arquivos Casa de Rui Barbosa).

Conforme reconstruí Moraes, Jorge, em carta, definiu “ótimo” o prefácio de Mário, mas entendia que Mário não havia gostado de *O Anjo* e – acrescentou na carta – “com razão, porque é mesmo uma merdinha”. Por este motivo, o escritor alagoano decidiu não publicar a novela, preferindo reescrevê-la e enviá-la de novo ao amigo, esperando assim conseguir agradá-lo. Jorge calcula “que isso talvez abra a perspectiva para uma ‘modificação’ na crítica de Mário, contando ainda que ele “corte um tico de orgulho paulista que exist[ia] num período que você patrioticamente deixou passar” (MORAES, 2002, p. 150). Em 1934, o livro sai do prelo, porém sem o prefácio de Mário. Na carta do dia dois de março de 1934, Mário acusa o recebimento da nova versão de *O Anjo* e da sua introdução ao livro. O escritor paulistano, de alguma forma, procura defender a sua análise, concordando, porém, em alterar um dos trechos do texto:

Acabo de ler (recebido ontem de tarde) o *Anjo* e acabo de ler a minha *Introdução*. Já disse e repito: pode tirar essa *Introdução* de que você não gostou, creio cá no fundinho que por vaidade só. Mas, franqueza: acho uma pena você não compreender a minha atitude mas, na *Introdução*, que é, se for o único, o melhor elogio do seu livro e você. Nesta nossa merda de crítica que ou diz pouco demais, ou só se preocupa com os lados objetivos da obra de arte, a minha nota revertendo em profundidade e não em superfície o seu livro, que a infinita maioria só tomará em superfície, é a mais nobre compreensão de você e do seu livro. Quer você sintá assim ou não: é a verdade. Quanto a dizer ou imaginar que não gostei do livro: isso é bobagem. Não são apenas as bandeiras, gritos e demais manifestações festivas que provam sua apreciação. Apenas: detalhar em superfície a excelência da linguagem, os achados da invenção, tal ou qual página admirável: é coisa que toda a gente farão. Jô, deixa eu também ser vaidoso, escrever o que eu escrevi me parece que nem é muito neste país de paisagens. Apenas no período final eu concordaria no ajuntamento de mais uma prosinha em relação à página do sururu e lama que está magnífica, seu melhor poema. Assim, poderá se quiser, depois da frase: ‘uns se comportarão exclusivamente pelo prazer da leitura, divertidos ou não’, acrescente: ‘E que prazer terão de ler esta língua inesperada, nacional, suculenta e páginas tão magníficas como essa perfeitíssima da ventania na alagoa do sururu’. Pronto acrescente esse elogio que será o compromisso em superfície de que gostei. Mas não mudaria mais nada porque era rebaixar você a colecionador de elogios. E mais não posso escrever (Arquivos Casa de Rui Barbosa).

Na continuação da carta, Mário informa o amigo sobre a situação editorial de *Os contos de Belazarte* (1934), além de solicitar o envio de uma cópia do romance *Doidinho* (1933) de José Lins do Rego, já lido por ele:

Estou completamente fora de circulação, escrevendo o livro sobre o Nordeste. A máquina está ocupada o que é a causa deste manuscrito. Não escrevo pra ninguém faz um mês. Pelo amor de Deus abraça os meus amigos por mim. Estou com o *Belazarte* pronto faz um mês, mas preso na tipografia porque a editora Piratininga não tem dinheiro pra retirá-lo! Me mandaram 10 exemplares pra me agradar e ver se eu caía com dinheiro mas achei desaforo. Não sabia disso no princípio, distribuí festivamente os 10 exemplares, até com gente que nem sabe ler e não tenho livro pra dar! Diga isso ao Lins do Rego que ficou mesmo completamente formidável depois do *Doidinho*, muito melhor que o 1º. Estou esperando o livro pra guardar e agradecer *Doidinho*, que aliás já lera, está claro. Hoje pela manhã a Editora Miranda e C. me telefonou que a *Música doce música* já está impresso. Devo receber hoje e talvez já antes que o *Belazarte*, paciência: Paciência e ciao (Arquivos Casa de Rui Barbosa).

Jorge escreveu uma carta a Mário em vinte e seis de março de 1934 em que explicou que o motivo da exclusão do texto de Mário e de outros críticos era evitar uma possível pecha de “imodéstia” ao ficcionista¹⁸. Jorge, então, pediu licença para publicar o prefácio de Mário em *O Jornal*, com um resultado curioso: o tipógrafo empastelou o texto, suprimindo os pontos em que Mário fazia “restrições” à novela de Jorge.

Numa carta não datada, Mário descreve a sua reação de surpresa ao se deparar com a publicação da sua introdução ao *Anjo*. Considerando que o famigerado texto foi publicado no dia oito de abril (domingo), de 1934, em *O Jornal*, a carta certamente foi escrita nos dias imediatamente posteriores. Na epístola, Mário, ao defender alguns aspectos de sua crítica, se demonstra irritado com os cortes feitos em seu artigo pela redação do jornal:

Os acasos são pérfidos às vezes. No domingo de manhã, levantei cedo demais e o *Estado* ainda não chegara. Peguei no *Diário de São Paulo*, já em casa, e li jornal que não leio, aliás não leio o *Estado* também, não leio nenhum jornal. Só me informo de esportes, cinema e concertos. Ora, peguei no *Diário* e meus olhos colheram de passagem um anúncio de *O Jornal*, anunciando suplementos de rotogravura etc. Aquilo me ficou, e de noite justo quando eu chegava na cidade, num ajuntamento da praça Antonio Prado, estavam distribuindo os jornais chegados do Rio. Veja quantos acasos me levaram a comprar o *Jornal*, pra ver como estava na direção

¹⁸ Na carta de vinte e seis de março, Jorge de Lima escreveu: “*O Anjo* foi pra mão dos editores e o atropelo de minha vida não permitiu que eu nem ao menos corrigisse as provas. Quem corrigiu foi Aurélio Buarque de Holanda que está aqui vindo de Alagoas. Quando o livro estava composto me avisou então o editor Lincoln Nery que havia botado no final do livro a sua crítica e mais um poder delas de amigos [...]. Eu observei que apesar disso ser bom e comercial para a empresa, iria parecer imodéstia minha consentindo nos elogios apensos. O editor não se conformou piorando a coisa pois botou além de tudo uma explicação que redundava em maior elogio a mim, avisava que a inclusão dos artigos era por conta dele. Eu para cortar pela raiz aquela insistência do Lincoln e com a aquiescência de Waldemar Cavalcanti um dos autores de uma das críticas e sem prevenir os demais retirei englobadamente todas, deixando o livro nu” (apud MORAES, 2002, p. 151-152).

atual e ler o meu estudo sobre *O Anjo*. Foi pena porque isso me amargou bastante. Deus me livre de zangar porque você não pôs o estudo no lugar do destino, só que preferia que você guardasse ele pra você. Nem carecia das explicações da carta. Acho simplesmente justa a não publicação, quer pela dúvida em que você ficou de eu não ter gostado do livro, quer mais simplesmente por você não ter gostado do artigo. A Raquel de Queiroz me contou que na sua intenção o Anjo é a consciência. Fiquei meio horrorizado e não sei se ela interpretou perfeitamente o que você falou pra ela mas esse simbolismo me pareceu deplorável. Não tanto por ser um passadismo bastante inútil, como porque então o *Anjo*, como estudo psico-objetivo da consciência, é um livro riquíssimo de sensibilidade e lampejos de toda a sorte. Mas o Anjo-consciência avultou então fragilíssimo. Prefiro o Anjo anjo, como mais discretamente o livro indica. Bem, mas como na sua carta você contava que desistira de dar o meu estudo pro Calazans, eu sossegara de lhe mandar logo aviso que achava a coisa grande por demais pra revista, e que não tinha propósito, a não ser que modificadas certas frases e maneiras de dizer, depois do livro saído. Mas infelizmente vi que você passou por cima de tudo isso e deu o estudo pra um jornal, e que ainda por cima, sei que isso não é culpa de você, os homens lá do jornal botaram um horrendo e não verdadeiro ‘especial para o Jornal’, que deixou o escrito em muitas partes perfeitamente bobo. Tudo isso me entristeceu bem. Mas a um sujeito cuidadoso do que diz, imagine você em que tristeza não ficaria vendo o artigo, além de tão deslocadíssimo, completamente deturpado, mas quase que irremissivelmente deturpado por uma não revisão que o esculhambou literalmente. E inda por cima (!) os seus amigos lá do *Jornal* inda traíram também você, cortando a única restrição, tão sem importância que eu fazia a você! Porque creio que no original, pelo menos na cópia que guardo comigo (não me lembro se na que mandei pra você) eu dizia que o estudo seu sobre a religiosidade do brasileiro, publicado na *Ordem*, era ‘frágil’ ou ‘fraco’. Mas eles cortaram isso, e só posso crer que fossem eles, porque ainda na sua carta você se mostrava completamente zangado com o Calazans que fizera o mesmo num artigo de você. E o fazia por questões doutrinárias, de bem maior importância pois. Mas e aviso você disto, acredite que não estou botando a culpa em você. Só que foi uma pena tantos desvirtuamentos ajuntados, fazendo que um caso que tanto prazer me tinha dado, se acabasse em profunda tristeza. Sempre, em todo caso, no meio destas tristezas, de que reconheço você não é o culpado de todas, e nunca foram feitas pra me magoar, uma alegria eu tive, foi ver a sua cara, correta e penteadíssima, feito um deus. Pois o castigo há de ser esse pelo menos, de você me mandar um retrato. Só em paga irá o meu, também correto e aumentado pelo fotógrafo, que é mesmo o único oficial de seu ofício que vê tudo cor de rosa nesta vida (Arquivos Casa de Rui Barbosa).

Após apresentar sua irritação com os cortes em seu artigo, Mário, na conclusão da carta, se demonstra solícito com o amigo, ao lhe dar sugestões para a difusão do livro. Em particular, o autor paulistano aconselha Jorge a enviar o texto ao escritor uruguaio Ildefonso Pereda Valdés (1899-1996):

Aqui em São Paulo você deverá mandar o seu livro pro Paulo Prado. É verdade que ele parte pra Europa por estes cinco dias, mas estará de volta em julho, e faço questão que ele leia o *Anjo*. O Sérgio Milliet está fazendo crítica na *Platea*, me contou. Não sei se ele compreenderá o livro, nem o apreciará, é um pouco blasé de literatura. Mas é um homem muito inteligente, e eu, por mim, prefiro ser atacado por um inteligente, a ser compreendido por um burro. Resolva por si. No mais, ando completamente afastado dos literatos, e não vejo mesmo na minha escassa roda quem mereça receber o livro. Talvez o Amadeu Amaral Junior, que aliás

só conheço de passagem. Mande o livro dele pra redação do *Estado de São Paulo*. O endereço da minha tradutora é: Margaret Richardson Hollingsworth – 725, Riverside Drive – New York. E creio que é só. Ano pobre de gente em torno de mim. Não esqueça de mandar o *Anjo* pro Pereda Valdez, Consulado da Venezuela, Montevideo (Arquivos Casa de Rui Barbosa).

Na carta do dia oito de dezembro de 1934¹⁹, Mário voltou a tratar do tema da introdução à novela de Jorge, pedindo para que o poeta alagoano retirasse o elogio que ele havia acrescentado com a finalidade de agradar o amigo:

Jorge, meu mano, aí vai. Não tenho tempo pra passar a limpo, mas reli e não tenho o que modificar, é isso mesmo. Achei graça na vaidade: ‘Agora estou premiado, pode escachar à vontade’. Não tenho o que escachar, palavra, e acho que o prêmio foi mais que merecido. Apenas nessa primeira redação, não vai aquele elogio que botei depois só pra agradar você e que mandei depois. Li como está nestes originais e li como ficou (com o elogio) no *O Jornal*. Com franqueza prefiro que você corte o elogio (é no último parágrafo do artigo, falando na ventania na lagoa de sururu). Você não carece dele pra ser ótimo e me entorpece enormemente a antítese. Quando você vem? Você está demorando demais e eu já quase estou de partida. Quero ver se vou no Rio passar uns dois dias por causa dum livro meu que está se editando aí na *Revista Acadêmica* e depois vou pra chácara dum tio em Araraquara descansar janeiro. Tenho trabalhado demais, me sinto exausto e muito sem mim por dentro. Me anime quando que vem (Arquivos Casa de Rui Barbosa).

Quando em 1935, *O Anjo* recebeu o prêmio Graça Aranha e a editora *Globo* decidiu fazer uma segunda edição do livro, Jorge²⁰ solicitou mais uma vez o envio do prefácio ao amigo. No entanto, a segunda edição saiu novamente sem o prefácio.

Conclusão

As cartas, escritas por Mário entre 1927 e 1934, são preciosas por conter declarações de poética e questões minuciosas relacionadas à biografia, à língua e ao estilo dos dois grandes autores modernistas. A leitura da correspondência, ao revelar aspectos relevantes para a interpretação da trajetória dos dois escritores, auxilia na compreensão de diversos textos: como, por exemplo, no caso do intenso trabalho realizado por Mário na elaboração de seu *Dicionário musical brasileiro*, livro percebido como pioneiro pelo autor, e que foi publicado somente em 1989.

Em particular, alguns elementos principais se destacam na leitura das epístolas: 1) o lado multifacetado da poética de Mário de Andrade; 2) aspectos relacionados à gênese, à publicação e à

¹⁹ Datilografada.

²⁰ Jorge escreveu para Mário em 1935: “Me lembro ainda do esbregue que você me deu quando *O Jornal* escolheu a revisão de seu estudo. Procurei hoje que cansei o original de seu artigo e não encontrei. Tenho ele, não há dúvida, mas está tão bem guardado que é impossível encontrar em pouco dias. Mandai-me pois para eu corrigir as provas. Se quiser aumentar, qualquer coisa, mesmo escolhendo ou se arrependendo do juízo, pode fazer” (MORAES, 2002, p. 151).

repercussão da obra dos dois autores; 3) o envio constante de textos entre os poetas modernistas; 4) a carta como espaço para a análise crítica da obra do interlocutor amigo; 5) a vida literária das décadas de 1920-1930, através de alusões a acontecimentos biográficos e históricos, e de referências a escritores, críticos, pintores, editoras, jornais, revistas e assim por diante.

Através da análise da troca epistolar, entre os dois poetas, foi possível, por fim, termos acesso a um texto inédito de Mário de Andrade, publicado em *O Jornal*, no dia oito de abril de 1934, sem a autorização do autor. O caso, o qual gerou um desentendimento entre os escritores, certamente merece ser aprofundando de forma mais detalhada através de outros documentos a serem levantados. O texto de Mário, cujo manuscrito se encontra no dossiê das cartas que analisamos, deveria ter sido o prefácio da novela *O Anjo*, de Jorge de Lima, mas por uma série de desentendimentos, conforme vimos, permaneceu inédito desde então.

Referências

GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Distribuição de papéis*: Murilo Mendes escreve a Carlos Drummond de Andrade e a Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1996.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Contrapontos*: notas sobre correspondência no modernismo. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004.

LIMA, Jorge de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1958.

LOPEZ, Telê Ancona. *Macunaíma*: a margem e o texto. São Paulo: Hucitec, 1974.

MORAES, Marcos Antonio de (org.). *Correspondência*: Mário de Andrade e Manuel Bandeira. São Paulo: Edusp, 2000.

MORAES, Marcos Antonio de (org.). Mário, Jorge. *Teresa*: Revista de Literatura Brasileira, São Paulo, n. 3, p. 139-159, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/121142/118107>. Acesso em: 2 abr. 2024.

MORAES, Marcos Antonio de. *Orgulho de jamais aconselhar*: a epistolografia de Mário de Andrade. São Paulo: Edusp, 2007.

RODRIGUES, Leandro Garcia (org.). *Correspondência*: Mário de Andrade e Alceu Amoroso Lima. São Paulo: Edusp, 2018.

RODRIGUES, Leandro Garcia (org.). *Jorge de Lima & Alceu Amoroso Lima*: correspondência. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2022.

RODRIGUES, Leandro Garcia. Reavaliando o cânone – a contribuição dos estudos epistolares para a historiografia literária. In: RODRIGUES, Leandro Garcia. *Cartas que falam*: ensaios sobre epistolografia. Belo Horizonte: Relicário, 2023. p. 47-63.

TÉRCIO, Jason. *Em busca da alma brasileira: biografia de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

TONI, Flávia Camargo. Introdução. In: Toni, Flávia Camargo; ALVARENGA, Oneyda (coord. *Dicionário musical brasileiro (de Mario de Andrade)*. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1989.

Recebido em 2 de abril de 2024.

Aprovado em 24 de junho de 2024.

Resumo/Abstract

Mário multifacetado: as cartas inéditas (1927-1934) enviadas para Jorge de Lima

Raphael Salomão Khéde

A partir da leitura das cartas inéditas enviadas, entre 1927 e 1934, por Mário de Andrade a Jorge de Lima, o artigo procura reconstruir alguns elementos biobibliográficos dos dois autores. A correspondência, elaborada nos anos de difusão das ideias modernistas pelo país, fornece diversos dados relevantes para a interpretação da trajetória de duas figuras fundamentais da literatura brasileira do século XX. Ao apresentar o lado multifacetado de Mário de Andrade, as cartas desse período informam o leitor, sobretudo, a respeito da elaboração do *Dicionário musical brasileiro* (1989), de sua autoria, e da controversa questão do prefácio, escrito pelo autor paulistano, da novela *O Anjo* (1934), de Jorge de Lima.

Palavras-chave: Mário de Andrade, Jorge de Lima, literatura brasileira, cartas, modernismo.

Multifaceted Mário: the unpublished letters (1927-1934) sent to Jorge de Lima

Raphael Salomão Khéde

Based on the reading of unpublished letters sent by Mário de Andrade to Jorge de Lima between 1927 and 1934, the article seeks to reconstruct some biobibliographical elements of the two authors. The correspondence, drawn up during the years of dissemination of modernist ideas throughout the country, provides several relevant data for interpreting the trajectory of two fundamental figures in 20th century Brazilian literature. By presenting the multifaceted side of Mário de Andrade, the letters from this period inform the reader, above all, about the preparation of the *Dicionário musical brasileiro* (1989), by Mário de Andrade, and the controversial issue of the preface, written by the author from São Paulo to the novel *O Anjo* (1934), by Jorge de Lima.

Keywords: Mário de Andrade, Jorge de Lima, Brazilian literature, letters, Modernism.